

Narrativas de vida e arte: atravessamentos trazidos pela *Teoria Queer* a uma professora de teatro na escola

Narratives of life and art: crossings brought by Queer Theory to a teacher

Narrativas de vida y arte: cruces traídos por la Teoría Queer a una profesora

Tissiana Carvalheda

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão

E-mail: tissiana.carvalheda@ifma.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7907-3231>

RESUMO:

A partir de narrativas de vida e arte, este texto traz a reelaboração de experiências do ensinar/aprender teatro com estudantes em uma escola pública no Maranhão, nos anos de 2017 e 2018. As memórias são ativadas por meio da aproximação com a *Teoria Queer*, pelos escritos de Miskolci (2017), Louro (2004) e Nascimento (2022), tendo como principal pergunta investigativa: situações de aprendizagem sobre sexualidade, gênero e desejo podem partir dos próprios estudantes? Após o entrelaçar de lembranças sob o olhar de agora, traz-se como proposição a urgência em transgredir as certezas fantasiosas sobre “quem ensina” e “quem aprende”. Aponta-se, também, como provocação trazida pela respectiva teoria para o ensino de arte, a percepção de que a potência está nos corpos em relação e em todo o processo de abertura e construção que possa surgir desse pressuposto.

Palavras-chave: *Narrativas de vida e arte. Teoria Queer. Ensino de arte na escola.*

ABSTRACT:

From Life and Art narratives, this paper brings the re-elaboration of experiences of teaching/learning theater at school, with students from a public school in Maranhão, in the

CARVALHEDO, Tissiana. Narrativas de vida e arte: atravessamentos trazidos pela *Teoria Queer* a uma professora de teatro na escola.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41782>>

years 2017 and 2018. Memories are activated through the approach to Queer Theory, by the writings of Miskolci (2017), Louro (2004) and Nascimento (2022), having as main investigative question: can learning situations about sexuality, gender and desire come from the students themselves? After the intertwining of memories under the gaze of the present, the urgency of transgressing the fanciful certainties about “who teaches” and “who learns” is brought up as a proposition. It is also pointed out, as a provocation brought by the respective theory to the teaching of art, the perception that the potency is in the bodies in relation and in the whole process of opening and construction that may arise from this assumption.

Keywords: *Life and art narratives. Queer Theory. Teaching art at school.*

RESUMEN:

A partir de las narrativas de Vida y Arte, este texto trae la reelaboración de experiencias de enseñanza/aprendizaje teatral en la escuela, con alumnos de una escuela pública de Maranhão, en los años 2017 y 2018. Se activan las memorias a través del abordaje de la Teoría Queer, a partir de los escritos de Miskolci (2017), Louro (2004) y Nascimento (2022), teniendo como principal pregunta de investigación: ¿situaciones de aprendizaje sobre la sexualidad, el género y el deseo pueden venir de los propios estudiantes? Tras el entrelazamiento de recuerdos bajo la mirada del presente, se plantea como proposición la urgencia de transgredir las certezas fantasiosas sobre “quién enseña” y “quién aprende”. Se señala también, como provocación que la teoría respectiva trae a la enseñanza del arte, la percepción de que la potencia está en los cuerpos en relación y en todo el proceso de apertura y construcción que puede surgir de ese supuesto.

Palavras chave: *Narrativas de vida y arte. Teoría Queer. La enseñanza del arte en la escuela.*

Artigo recebido em: 14/11/2022

Artigo aprovado em: 31/01/2023

Introdução

Muitas vezes, chegamos à escola convictos de que somos os únicos a ocuparmos o lugar de quem ensina, de que possuímos o domínio de supostos conteúdos a serem ensinados a pessoas que estarão conosco apenas para aprender. Assumimos um lugar de poder. Recentemente, ao me aproximar dos estudos sobre a *Teoria Queer*¹, senti-me provocada a desestabilizar estas relações de

CARVALHEDO, Tissiana. Narrativas de vida e arte: atravessamentos trazidos pela *Teoria Queer* a uma professora de teatro na escola.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41782>>

poder, questionando velhas certezas entre conhecimento e educação. Proponho-me, neste texto, a fazer o exercício de reelaborar experiências a partir das seguintes inquietações: de que forma a pauta *Queer* atravessa a minha existência? O que os estudantes podem me ensinar sobre sexualidade, gênero e desejo? Como, enquanto professora, trabalhar uma pauta tão subversiva em uma instituição normalizadora? Com essas linhas, traço um emaranhado de pensamentos em forma de relatos que entrelaçam lembranças e olhares do agora.

Para me deslocar de um repertório empírico e sensível para o território das palavras, opto pelo método da narrativa, que leva a um deslocamento no tempo, acionando “tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador” (SOUZA, 2007, p. 63). Em relação à memória, por afinidade à visão de Halbwachs (HALBWACHS, 1956 *apud* BOSI, 1994), compreendo este desafio como um exercício de reelaborar o passado, e não de tentar revivê-lo.

Assumo a escrita como exercício reflexivo, sem um sentido acabado, que reflete meu estar no mundo como mulher negra, cis, heterossexual, mãe, nordestina e professora de teatro em uma escola pública no interior do Maranhão desde 2016. Minha fala diz também sobre o desejo de buscar um repertório teórico que me possibilite uma escuta mais sensível e acolhedora na relação com estudantes adolescentes.

A escola demarcando as fronteiras

Cursei a 4ª série do Ensino Fundamental (o atual 5º ano) no Colégio São Vicente de Paulo, em São Luís (MA), uma escola de freiras da Missão Vicentina das Filhas da Caridade. Havia uma diferenciação explícita e demarcada no tratamento dirigido às mulheres e aos homens, a começar pela vestimenta obrigatória: respectivamente, saia e calça. No primeiro dia de aula, recordo-me do susto ao me deparar com turmas separadas para meninas e meninos. Só nos encontrávamos no “recreio” e na saída para pegar o ônibus.

Lembro-me de ficar imaginando, curiosa, como eram as aulas para os meninos, e, às vezes, usando a desculpa de ir ao banheiro, aproveitava para passar vagorosamente em frente às salas masculinas tentando descobrir o que acontecia ali naquele espaço. Os ruídos me traziam uma linguagem mais calorosa e frouxa, denotando uma liberdade maior do que a que tinha em minha turma.

Às meninas a lista de restrições era maior: batom vermelho, brincos grandes, maquiagem e saia curta eram itens proibidos. Éramos ensinadas a agir com discrição e delicadeza. A única modalidade de dança oferecida era o balé clássico; sem dúvida, uma oferta nada aleatória dirigida apenas ao público feminino. Disciplina, contenção, adestramento. Minha irmã gêmea e eu estudávamos na mesma turma. Uma certa vez, ela chegou na aula com o penteado de “rabo de cavalo”, mostrando o cabelo da nuca cortado bem baixinho, como “menino”, e pintado de um loiro extravagante. O professor perguntou diante de todos da sala: “sua mãe já viu isso, menina?” enorme foi sua surpresa com a resposta: “sim, professor, ela mesma que fez!”.

Enquanto corpos, somos ensinados a performar um gênero e que tem sido, historicamente e compulsoriamente, o feminino ou o masculino, sendo estes atrelados ao sexo biológico. Esta construção começa antes mesmo do nascimento, tendo a linguagem como um dos vetores principais. As frases “é menino!” e “é menina!” anunciam o projeto de delimitação binária dos corpos em papéis sociais (definindo padrões de comportamento para o que é ser homem e o que é ser mulher) e faz parte de uma ordenação mais ampla, envolvendo a sexualidade, o gênero e o desejo, da qual todas as instituições sociais dependem e colaboram para manter a estabilidade (MISKOLCI, 2018). Quando corpos-sujeitos desviam das normas esperadas, causando turbulências nas estruturas simbólicas e reavivando imaginários adormecidos, são vistos como ameaças às relações de poder já estabelecidas, o que gera uma cadeia de reações de repressão das mais diversas.

A escola, enquanto instituição social, não só depende dessa ordem, mas atua historicamente como mantenedora, controlando e disciplinando corpos. No entanto, mesmo com a normalização dos corpos estando incorporada às estruturas das instituições, sempre haverá dissidências, pois, como sabiamente nos lembra Boal, somos “casa sem portas por onde se pode transitar, nada murado [...]” (BOAL, 2009, p. 28). Ou seja: podem calar nossa boca, mas jamais nossos corpos!

Enquanto corpos que somos, comunicamos, performamos e nos mostramos permanentemente. E aqueles e aquelas que não se enquadram nos formatos binários são repreendidos, confrontados, desprezados, violentados de diversas maneiras, como podemos ver no relato de Nascimento:

Logo percebi, já nas séries iniciais do ensino fundamental, que meu modo de ser e estar no mundo, vivenciando minha performatividade de gênero atrelada ao feminino incitaria a fúria homofóbica em alguns alunos, a ponto de ser perseguido, cotidianamente, em sala de aula, no intervalo e na hora da saída. As perseguições se tornariam constantes, por um aluno especial, do qual eu fugia e preferia não sair da sala durante o intervalo, segurando a vontade de fazer “xixi” até o término das aulas, somente para “poupar-me” dos xingamentos de “viadinho” e da vergonha de sofrer com aquelas agressões (NASCIMENTO, 2022, p. 44).

Lamentavelmente, o relato de Nascimento (2022) não é um caso isolado, uma vez que milhares de pessoas vivenciam experiências em que são agredidas e tratadas como “anormais”. Qualquer indivíduo que frequentou o ambiente escolar sabe que violências desse tipo são comuns. Quem não as viveu, conhece ou ouviu falar de alguém que já passou por uma experiência do tipo. Enquanto professora de teatro do ensino médio/técnico, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, na cidade de Codó, percebo que há um pacto de silêncio sobre as questões de gênero, compactuado entre família e escola. A omissão ainda é a palavra de ordem.

Quando temas de gênero e sexualidade surgem no calendário escolar, geralmente, ocorrem através da iniciativa dos setores de Psicologia e Assistência Social, que trabalham a prevenção e o combate à homofobia. Contudo, perdura ainda a base biológica para o trato do tema e o apelo à ideia de diversidade. Penso que o debate precisa ser aprofundado e que o ponto de partida seja lançar um olhar questionador a tudo que é dado como natural e verdadeiro.

A meu ver, a *Teoria Queer* vem atuar para romper os silêncios e propor um debate profundo sobre sexualidade, gênero e desejo. Etimologicamente, o vocábulo *teoria* vem da palavra grega *theoria*, que significa contemplar, olhar para algo. A *Teoria Queer* nos convida a olhar para o fenômeno cultural da cisheteronormatividade e da abjeção, que, “[...] em termos sociais, constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é comunidade” (MISKOLCI, 2017, p. 24).

Não basta um olhar qualquer, habitual. De modo similar à revolução que Bertolt Brecht propôs ao teatro, desnudando a cena de seus acessórios ilusionistas, a fim de acordar o espectador para a realidade cênica enquanto linguagem, a *Teoria Queer* vem propor que lancemos um olhar de estranhamento a tudo que está posto pelas normatividades de gênero e sexualidade, buscando compreender a engenharia cultural e política que nos constrói enquanto corpos. Miskolci (2017) fala sobre a necessidade de um olhar de desconstrução “[...] como uma estratégia que é muito mais de não fazer estudos para explicar como as pessoas são, mas sim desconstruir a cultura para compreender por que elas se tornaram o que são” (SESC SÃO PAULO, 2018).

Ode às Cores

Como diz Louro (2004, p. 29), “a vocação normalizadora da educação se vê abalada”, e isto é um fato. Professores e professoras, mesmo os mais conservadores, lidam diariamente com tal realidade, em que os novos modos de pensar e viver o gênero, a sexualidade e o desejo pedem novas epistemologias, novos currículos e novas pedagogias. Partindo desse contexto, reelaboro, a partir deste exercício de escrita, uma experiência vivida no ano de 2018, com uma turma de 3º ano do curso médio/técnico em Informática, na disciplina Arte III. A partir dela, percebo o que ainda preciso aprender com a *Teoria Queer*.

Atuo como docente em um campus agrícola, situado em uma área de 210 hectares de vegetação típica do cerrado, na zona rural de Codó², cuja visão aérea é apresentada pela figura abaixo.



Fig. 1. Visão aérea do terreno do IFMA, campus Codó. Fonte: Antonio Alisson Fernandes Simplicio.

Leciono no decorrer dos três anos do ensino médio/técnico³ de todos os cursos do campus, com disciplinas de 40 horas-aula. O objetivo principal na disciplina Arte III com os estudantes de Informática era o de ampliar a percepção para as potencialidades comunicativas e expressivas do corpo no âmbito das gestualidades, ampliando o repertório não verbal. Fomos em busca de meios para apurar o nosso olhar; então, passamos a recriar com novos usos os espaços: as cadeiras se amontoaram nos cantos da sala para que pudéssemos fazer círculos e ocupar o centro em situação de jogo; corredores, pátios e jardins se transformaram em “laboratórios” para a brincadeira “pata cega”; espaços corriqueiros da escola serviram para que exercitássemos nossa capacidade de observação, onde analisamos nos transeuntes sinais da incansável habilidade comunicativa do corpo. Sem pressa, foi sendo construído um ambiente acolhedor, convidativo à atenção, com entregas, presenças; logo, uma atmosfera em que a confiança era notada entre olhares e falas.

A experiência nos jogos aquecia o corpo/o pensamento fomentando a reflexão e o debate sobre os processos culturais, sociais e históricos que servem para desvalorizar, controlar e empobrecer nossa experiência no mundo. Debatemos, por exemplo, sobre a necessidade de desconstruirmos a visão dualista sobre o corpo e sobre as formas como a escola lida com a corporeidade. Alguns ofereciam

relatos com exemplos trazidos da família, da vizinhança, da igreja, das escolas, da notícia vista nas redes sociais, da história do personagem da série ou do filme. Com a confiança cultivada, surge uma abertura para que os diversos territórios culturais dos estudantes fossem trazidos para a sala.

Além do trabalho corporal com jogos, fizemos a apreciação de vídeos para que transitássemos por variadas fronteiras geográficas, artísticas e discursivas, com propostas que desafiavam convenções e limites, tais como: a alemã Pina Bausch, que rompe as fronteiras das linguagens com sua dança-teatro; o grupo brasileiro Barbatuques, que mostra que é possível produzir música coletivamente com percussão corporal; o trabalho dos artistas multimídias Paul Kaiser e Shelley Eskhar, que desenvolvem o conceito de dança digital no projeto *Ghostcatching*, unindo dança, desenho e composição digital em tecnologia 3D; o artista paulista Maurício Ianês, que testa os limites do seu corpo propondo poéticas para pensar a vida por meio de suas performances; e o cantor e intérprete Ney Matogrosso, que com sua extravagância artística sempre provoca uma excitação nas turmas, ao mesmo tempo que um certo desconforto por desestabilizar os lugares do masculino e do feminino e suas gramáticas gestuais.

Lembro de certa vez um aluno perguntar com um sorriso no rosto: “por que ele dança assim, professora?”. Percebi, pelos cochichos, que o incômodo se dava pela movimentação de quadril; algo não autorizado socialmente para corpos masculinos. Aquela situação não planejada oferecia possibilidades alargadoras para um debate mais profundo sobre as questões de gênero, contudo não me sentia preparada para conduzir naquele momento. Optei em responder a indagação com outras perguntas: “e por que um homem não pode dançar assim? Por que não há incômodos quando o rebolado é feito por uma mulher?”.

Rememorar o meu embaraço disfarçado me leva, agora, a uma fala de Louro, em entrevista para o programa *Nós da Educação*, que me acena como acolhimento, mas também como provocação. Quando questionada sobre de que forma as famílias podem conversar sobre gênero e sexualidade, a autora responde: “talvez, uma coisa que a gente tenha que aprender, também, é de vez em quando dizer ‘eu não sei, sabe!’” (LINGUAJANDO, 2020). Como professora, tenho aprendido a acolher-me no lugar do não saber, não como atitude de estagnação, mas como abertura para uma experiência de busca compartilhada com os estudantes.

Estas ideias se alinham à imagem de professor como artista/mediador/cartógrafo, que é “[...] um observador atento das dinâmicas interpessoais que alinhava os modos de perceber dos sujeitos e os objetos com os quais interagem, sendo também um propositor” (AMARAL, 2017, p. 5). Seu caminhar é alimentado pelo processo e pelo “compartilhamento”, remetendo à experiência de com/par/trilhar. A *Teoria Queer* nos convida a pensar o ensino de arte na escola como um trilhar, um caminhar, que se constitui nas relações e em tudo que isso implica: imprevisibilidades, incertezas, ambiguidades, subjetividades.

Na metade do semestre, propus ao grupo que criassem coletivamente uma proposta cênica aberta, com temática(s), linguagem(ns) e estética de livre escolha. O único direcionamento foi o de que pensassem no corpo como principal veículo de expressão e que não recorressem, *a priori*, à palavra oralizada. Sugeri à turma que cada um buscasse o seu lugar de criação, logo as movimentações foram fluindo e as funções sendo definidas por eles mesmos. Um trio começou a esboçar o roteiro, tomando como inspiração principal o videoclipe da música *Take me to Church*, do cantor irlandês Andrew Hozier-Byrne, que conta a relação amorosa entre dois rapazes que se veem impedidos de continuarem juntos pela interferência violenta de um grupo homofóbico. Os estudantes adaptaram a história para personagens femininos e com inspiração na música *Amianto*, da banda brasileira *Supercombo*, propondo um final diferente: em vez de uma das jovens ser agredida até a morte (como no clipe de Hozier), ela decide se matar. Temos, então, dois temas dos quais a turma deseja falar: homofobia e suicídio.

Minha função foi a de sensibilizar o olhar, provocá-los com o desafio e acompanhar como espectadora para quando acenassem pedindo auxílio. Com entusiasmo e engajamento, a turma produziu e apresentou o experimento cênico *Ode às Cores* para várias turmas do ensino médio/técnico, como mostram as figuras 02 e 03, tendo sempre um bate-papo após a apresentação.



Fig.2. Cena em que se tenta evitar a tragédia, o suicídio. Fonte: Cláudia Canudo.



Fig.3. Cena em que a personagem principal chora a morte de sua companheira. Fonte: Cláudia Canudo.

Ao representar pautas marginais e provocar um debate comumente negado, percebo que essa experiência suscitou leituras de realidade e movimentos de desestabilização. “São temas que estão presentes na vida dos alunos, só que as pessoas não trabalham com eles, sabe? [...] não abordam o tema, pra entender melhor, discutir, procurar meios de solucionar, essas coisas” (Informação verbal)⁴. E também:

Nos dias atuais, os LGBT’s são muito criticados por suas escolhas sexuais, como se isso definisse caráter. Deveríamos parar de criticar e simplesmente aceitar logo porque não nos desrespeita a opção sexual do outro. Quem sabe assim o mundo fica mais cheio de amor e respeito (Informação verbal)⁵.

Hoje, fazendo uma avaliação da experiência de acordo com os *Estudos Queer*, vejo que seria necessária uma ação de maior aprofundamento teórico para a problematização das questões de gênero, talvez pós-apresentações, pois, como sugere Louro:

Para uma pedagogia e um currículo queer, não seria suficiente denunciar a negação e o submetimento dos/as homossexuais, e sim desconstruir o processo pelo qual alguns sujeitos se tornaram normalizados e outros marginalizados, tornando evidente a heteronormatividade, demonstrando o quanto é necessária a constante reiteração das normas sociais regulatórias, a fim de garantir a identidade sexual legitimada (LOURO, 2004, p. 49).

Ou seja, colocar em pauta a construção cultural dos corpos e as relações de poder que se estruturam na sociedade, evidenciando as profundas desigualdades que são desencadeadas.

A presença do Seu Chico

Além de aprofundamento teórico, penso que a *Teoria Queer* exige de nós uma concepção não positivista do conhecimento, amparada na noção de conhecimento enquanto experiência. Nessa perspectiva, temos que admitir que, muitas vezes, empobrecemos as possibilidades formativas ao cumprir apenas o conhecido ritual escolar. Precisamos assumir riscos, desviar dos caminhos usuais e abrir novas trilhas. E por que não para além dos muros da escola?

Certa vez, em uma manhã de sábado, no segundo semestre de 2017, eu e mais seis estudantes⁶ fomos conhecer uma figura ilustre no povoado São José: Seu Francisco, mais conhecido por Seu Chico, um senhor de 80 anos que gostava de passar o tempo contando histórias. A oportunidade de conhecê-lo foi mediada por outro codoense, José Nilson da Costa Filho, professor de Letras/

CARVALHEDO, Tissiana. Narrativas de vida e arte: atravessamentos trazidos pela *Teoria Queer* a uma professora de teatro na escola.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41782>>

Português da escola. Juntos nutríamos o desejo de conhecer histórias de causos, mitos e crenças, que faziam parte das terras que estavam sob nossos pés e que estariam em processo de esquecimento.

Ao chegarmos na casa do seu Chico, fomos apresentados a ele e em seguida nos acomodados na área externa (Fig. 4). Sem cerimônia, o senhor de olhos curiosos começa a prosa: “Eu... nasci num planeta... num sei que planeta foi. Nasci em 32, no dia 2 de novembro. Nu tempo da seca grande...” (Informação verbal)⁷. Foi uma manhã rica em escuta, com histórias que transitavam entre realidade e ficção sobre sua trajetória de vida e os primórdios de Codó. Com uma forte comicidade no falar e uma abertura genuína para a troca, Seu Chico nos cativou com sua presença, compartilhando saberes que até hoje reverberam em cada um de nós.



Fig.4. Momento da nossa chegada à casa do Seu Chico. Fonte: a autora.

Muitos aspectos dessa experiência ressoam hoje em mim para pensar as rupturas necessárias que a escola precisa viver. Os estudantes ficaram imersos nos causos e nas viagens imaginárias proporcionadas, assim como envolvidos com aquela gestualidade, o ritmo, o olhar, os sorrisos e os silêncios, ou seja, com aquele corpo. Mas o que o Seu Chico me ensina sobre a *Teoria Queer*? Muito, sobre-

tudo com a sua presença. A sua forma de sentar de pernas cruzadas, feita com leveza e sem nenhum constrangimento, levou uma estudante a formular questões que nem tinham sido provocadas no âmbito daquele processo de pesquisa:

Cada um de nós é do seu próprio jeito de ser diferente. Então, Seu Chico não é diferente, ele tem alguns gestos do corpo dele, tipo [...] o gesto de sentar com as pernas cruzadas. É bem interessante a gente puxar para essa questão, porque hoje em dia tem muitas pessoas homofóbicas. Antes, sentar de pernas cruzadas era um charme [...] se fossem os jovens de hoje em dia, sentar de perna cruzada? Aahh levantava logo uma palavra de homofobia (Informação verbal)⁸.

A aluna revela a percepção de que os corpos performam de forma diferente o “masculine”. Ao enfatizar a rejeição dos jovens de sua geração ao simples “sentar de pernas cruzadas”, demonstra também o incômodo com as imposições que a sociedade coloca aos corpos.

Hoje, provocada pelos *Estudos Queer*, conecto-me de outra forma à experiência de conhecer o Seu Chico. Percebo que o *Queer* convoca um conhecimento corporificado, numa perspectiva decolonial, de uma experiência de percepção e redescoberta de como este é pensado e vivido culturalmente e socialmente. A teórica feminista, professora e artista bell hooks, traz uma reflexão sobre o corpo que vem contribuir para pensarmos em caminhos de como trazer a *Teoria Queer* para a escola: “temos de voltar a um estado de presença no corpo para desconstruir o modo como o poder tradicionalmente se orquestrou na sala de aula, negando subjetividade a alguns grupos e facultando-a a outros” (HOOKS, 2017, p. 186). A autora conta que, se reconhecendo como um corpo de mulher negra, vinda de uma família da classe trabalhadora do estado de Kentucky, do sul segregado dos Estados Unidos, isso ressoava em sua prática, gerando o movimento de olhar para os alunos como corpos-sujeitos e provocar diálogos que gerassem deslocamentos.

Reconhecer que somos corpos é trazer para o jogo as culturas, as histórias e as memórias “desviantes” que não se enquadram à norma da objetividade e imparcialidade. Dizer em sala sobre as gramáticas gestuais impostas aos corpos jamais teria o mesmo efeito que o sentar de pernas cruzadas do Seu Chico. Se pudesse voltar à *Ode às Cores*, em 2018, além de aprofundar os debates, traria para a escola corpos-sujeitos “desviantes” da cidade de Codó para conversar com a turma e os espectadores. A pauta *Queer*, embora seja de todos e todas, requer a presença de corpos *Queer* na escola.

CARVALHEDO, Tissiana. Narrativas de vida e arte: atravessamentos trazidos pela *Teoria Queer* a uma professora de teatro na escola.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41782>>

Proposições

A *Teoria Queer* nos convoca a subverter, a romper com a ordem estabelecida, para perceber que, por trás de uma suposta neutralidade e universalidade, há a hegemonia de uma visão masculina, cisheteronormativa, branca e cristã sobre a vida em sociedade. Um olhar *Queer* sobre o mundo seria, então, um olhar revolucionário que não compactua com a violência do ato de normatizar, que não tolera a abjeção de corpos. Não se trata apenas de lançar um olhar de desnaturalização da cisheteronormatividade, mas de produzir enfrentamentos a toda e qualquer forma de violência de corpos, seja por sexo, seja por gênero, raça, etnia, classe, religião etc.

Para a escola, a *Teoria Queer* é um convite precioso para a transgressão, para desconstruirmos as verdades fantasiosas que a sustentam, despertando para a engenharia política que está em seu cerne. Penso a escola como um projeto de construção contínuo e aberto, em que tudo que dela faz parte (currículo, disciplinas, conteúdos, métodos, gestor, professor, estudante) precisa ser visto como organismo vivo. Deve ser continuamente repensado e rearticulado.

Para o ensino de arte na escola, os *Estudos Queer* me provocam a pensar que a potência está nos corpos em relação e em todo o processo de abertura e construção que pode surgir desse pressuposto. Nas experiências aqui relatadas, fica evidente que foram os próprios estudantes que me ofereceram situações de aprendizagem sobre sexualidade, gênero e desejo. E que isso, talvez, tenha ocorrido por meio das relações de confiança e abertura que foram sendo estabelecidas. Em *Ode às Cores*, tive que recuar ao sentir que eles desejavam roteirizar a peça e se autodirigirem. Na visita à casa do Seu Chico, a aluna Mykaelly Alves Gomes me presenteia com uma leitura sofisticada sobre corpo e cultura. A normativa de que um lado ensina e o outro aprende precisa ser rompida em nossas práticas pedagógicas. bell hooks compartilha que teve que passar por essa experiência: “reconhecer que somos corpos na sala de aula foi importante pra mim, especialmente no esforço para quebrar a noção do professor como uma mente onipotente, onisciente” (HOOKS, 2017, p. 185).

Talvez o lampejo de que precisamos para pensar em metodologias e procedimentos que abordem as temáticas *Queer* na escola já esteja sendo dado pelos estudantes. E os caminhos mais frutíferos sejam os desviantes; aqueles que transcendem os limites da sala, da carga-horária, da ementa, dos conteúdos e das notas. Quando se trata de fundar-se nas relações, a experiência de ensinar e aprender extrapola qualquer fronteira e convenção.

É preciso, então, começar mesmo sem saber o “como”. Ao abrir espaço para as temáticas *Queer* em sala de aula, nós romperemos o pacto de silêncio; e isto é urgente! Enquanto permanecer o silêncio, narrativas, corpos e histórias continuarão sendo silenciados e fixados no lugar do “não”: do não dito, do não ouvido, do não importante, do não conhecimento, da não existência.

A escritora, filósofa, psicanalista e artista multidisciplinar Grada Kilomba (2016) enfatiza que o ato de falar e ouvir não são somente físicos, mas sociais, simbólicos. O que é falado é tido como importante, válido, legítimo. Aquele que é ouvido recebe a oportunidade de se sentir pertencente. Dessa forma, tudo que não é dito e ouvido na escola é dado sem valor epistemologicamente: a cosmologia dos povos indígenas, as culturas e manifestações afro-brasileiras, as contribuições das mulheres, dos LGBTQIA+⁹, daqueles que vêm das periferias urbanas e das zonas rurais desse país continental, as histórias e memórias dos estudantes.

Esta intelectual, embora hoje seja conhecida mundialmente, ainda sofre tentativas de apagamento do conhecimento que constrói. O fato de ser mulher, negra, com família de origem nas ilhas de São Tomé e Príncipe e Angola, afronta o postulado branco, colonial e patriarcal que rege o território das epistemologias. Os comentários que recebe evidenciam isso:

É comum ouvirmos o quão interessante nosso trabalho é, mas também ouvimos o quão específico ele é: “Isso não é nada objetivo”, “Você tem que ser neutra...”, “Se você quiser se tornar uma acadêmica, não pode ser pessoal”, “A ciência é universal, não subjetiva”, “Seu problema é que você superinterpreta a realidade, você deve se achar a rainha da interpretação” (KILOMBA, 2016, p. 5).

Instauremos, então, o “reinado das interpretações” em nossas aulas, trazendo para o jogo leituras de realidade, memórias, percepções, sonhos e desejos. A *Teoria Queer* nos convoca a criar com os estudantes territórios para a construção de conhecimentos corporificados.

CARVALHEDO, Tissiana. Narrativas de vida e arte: atravessamentos trazidos pela *Teoria Queer* a uma professora de teatro na escola.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 13, n. 27, jan-abr. 2023.

Disponível em: <<https://doi.org/10.35699/2237-5864.2023.41782>>

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Lilian. Geopoética: arquitetura de relações. Cartografia dos sentidos e laboratório nômade, *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS*, 26., 2017, Campinas. **Anais do 26º Encontro da Anpap**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p. 2903-2917. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/PA/26encontro_AMARAL_Lilian.pdf. Acesso em: maio 2018.
- BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento: Palestra-Performance de Grada Kilomba**. 2016. Tradução de Jessica Oliveira. Disponível em: <https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2018/05/kilomba-grada-ensinando-a-transgredir.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2022.
- LINGUAJANDO Professor Valmir. **Gênero e sexualidade na escola**. Guacira Lopes Louro – Nós da Educação. Completo. [S. l.: s. n.], 19 out. 2020. 1 vídeo (53 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J1ZKt1ynJ3Q>. Acesso em: 15 jan. 2022.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MACHADO, João Batista. **Codó, histórias do fundo do baú**. Codó: FACT/UEMA, 1999.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Cadernos da Diversidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- NASCIMENTO, Fernando Augusto do. **Teatro e representatividade Queer: experiências com o método do drama na escola**. São Paulo: Hucitec, 2022.
- SESC SÃO PAULO. O que é Queer? Com Richard Miskolsci. [S. l.: s. n.], 23 ago. 2018. 1 vídeo (93 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ar19rH0H6IM>. Acesso em: 17 set. 2022.
- SOUZA, Elizeu C. de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. *In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (org.). Memória e formação de professores*. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 59-74. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: maio 2018.

NOTAS

- 1 Essa aproximação foi provocada pela disciplina Seminário Temático III: Teoria Queer e o ensino de Arte, ministrada pelo professor-Doutor Tiago de Brito Cruvinel, no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), no segundo semestre de 2022. De forma mais abrangente, este artigo também agrega à pesquisa de doutorado em andamento, intitulada “As lições do mestre Pazzini: criando territórios transgressores para o pensar/fazer teatro na escola”, inserida na linha de pesquisa Teatro, Sociedade e Criação Cênica, sob orientação do professor-Doutor Vicente Concílio, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).
- 2 Codó, segundo umas das versões de origem do nome da cidade, é oriundo de Codozinho, um dos rios afluentes que deságuam no Itapecuru – um grande rio que banha o estado do Maranhão. Codó surge primeiramente como povoado, essencialmente agrário, por volta de 1780; para depois, em 1896, receber o título de cidade (MACHADO, 1999, p. 29).
- 3 O ensino médio/técnico ocorre de forma integrada, ou seja, os currículos dos cursos possibilitam que o aluno e a aluna obtenham, simultaneamente, a formação profissional técnica e também a formação na última etapa da educação básica (Ensino Médio). Ministra a disciplina Arte para estudantes dos cursos técnicos diurnos em Agroindústria, Agropecuária, Informática, Meio Ambiente; e também para discentes dos cursos técnicos noturnos que ocorrem pelo Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA): Manutenção e Suporte em Informática, Agroindústria e Comércio.
- 4 Entrevista concedida por Djane de Sousa. IFMA, Codó (MA), 2018.
- 5 Relato pós-apreciação do experimento *Ode às Cores*, registrado de forma manuscrita por uma aluna. IFMA, Codó (MA), 2018.
- 6 Esse grupo de estudantes foi formado no início de 2017, durante a execução do projeto de pesquisa de mestrado *Identidade e Memória no processo de criação cênica na escola* (PROFARTES UDESC/UFMA). Na ocasião, conseguimos o apoio da FAPEMA, por meio do Programa de Apoio ao Patrimônio Imaterial do Material, o que nos permitiu ampliar as ações de pesquisa realizando visitas a comunidades rurais para coleta de histórias, consideradas como repertório para criação cênica, resultando no espetáculo “Incanturias em Cena”, apresentado em Codó e também em São Luís (MA), durante o II Colóquio Internacional de Pedagogia do Teatro (COLIPETE). O grupo se firmou como coletivo teatral da escola, batizando-se com o nome “Incanturias em Cena”.
- 7 Relato oral concedido por Seu Chico, do povoado São José. IFMA (MA), 2017.
- 8 Em entrevista concedida pela aluna Mykaelly Alves Gomes. IFMA, Codó (MA), 2017.
- 9 Esta sigla é usada para se referir às pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers e Intersexuais. Segundo Nascimento (2022, p. 20), o sinal de + tem o objetivo de “[...] incluir as identidades que porventura vierem a agregar essa sigla”.